**Sobre as fórmulas mágicas para aprender uma língua[[1]](#footnote-1)**

*Paulo Roberto Boa Sorte Silva – Doutorando em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela PUC-SP e professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe (IFS). E-mail: pauloboasorte@bol.com.br*

É comum que as pessoas interessadas em encarar o desafio de aprender uma nova língua busquem, antes do início dessa empreitada, dicas sobre as melhores escolas, os melhores métodos e os menores preços. A preferência, nesses casos, é que seja algo perto de casa, que não dê muito trabalho e que seja muito barato. É aí que começa o problema. Há mais de 20 anos, os pesquisadores da Linguística Aplicada explicam que não há um método ideal para ensinar e aprender línguas. Nesse caso, eu acrescento que não há também uma escola ideal, tampouco um preço ideal. Estou me referindo não só às escolas de idiomas, como também às escolas de ensino fundamental e médio, privadas e públicas, pois cabe, principalmente, a elas a tarefa de ensinar um idioma estrangeiro.

Há três possíveis explicações para o argumento da inexistência do método ideal. Vou me basear em Prabhu (1990) para esclarecê-las. A princípio, parece desanimador, mas, pensando bem, evita que sejamos iludidos pela possibilidade da existência de fórmulas mágicas, massivamente ofertadas por **alguns** cursos de idiomas que prometem milagres, e também por **alguns** políticos que dizem oferecer um ensino público de qualidade. Destaco **alguns**, em ambos os casos, pois sempre há exceções.

A primeira explicação é que tudo depende do contexto em que se ensina o idioma. Isso significa que não existe um único método que sirva para todo mundo. Seria pensar ingenuamente. Assim, fica fácil descartar as falsas ofertas que muitos empresários de cursos de idiomas fazem: “aprenda 100 palavras em 2 horas”, por exemplo.

Ora, pessoas não são máquinas. Cada um tem o seu ritmo de aprendizagem e traz histórias diferentes para a sala de aula, possui bagagens culturais diferentes e, obviamente, irá aprender com métodos diferentes. Como se pode prometer que o aluno matriculado irá aprender um número X de palavras em um número Y de horas? Sem contar que palavras soltas não levam a lugar algum. Aprender a falar *dogs* e *cats* fora de um contexto não é aprender inglês. É simplesmente aprender a falar *dogs* e *cats*. Não quero dizer que o professor precisará criar um método para cada aluno, mas será necessário observar as particularidades de cada turma para conduzir a sua prática de ensino. Em suma, um método criado na Inglaterra, dificilmente vai servir para ser aplicado, na íntegra, em turmas de alunos em Aracaju.

A segunda explicação, por outro lado, valoriza as particularidades de cada método e alega que o mesmo contexto deve utilizar um número diversificado de métodos. Quanto mais o professor varia a sua prática, mais ele vai contemplar as diferenças em suas turmas. Reforçando a primeira explicação, um método criado na Inglaterra não terá sucesso se for aplicado na íntegra em Aracaju, mas partes desse método aliadas às partes de métodos criados nos Estados Unidos, no Canadá, na África do Sul, no Rio de Janeiro e, principalmente, em Sergipe, observando bem a nossa realidade, poderão sim ajudar o aluno a ter sucesso em sua aprendizagem.

A terceira explicação do pesquisador é que se faz necessário repensar a noção de “bom” e “ruim”, do “melhor” ou “pior”. Nem sempre o que é bom para quem aprende inglês em Manaus pode ser bom para quem aprende inglês em Lagarto. Nesse caso, o melhor método é aquele que oferece os melhores resultados em situações particulares de aprendizagem. Quem pode garantir que não se aprende uma língua estudando a sua gramática, repetindo frases ou traduzindo textos? Você só não deve insistir apenas a gramática ou se dedicar somente à repetição ou à tradução de textos. Como afirma Prabhu, a rotina é aliada do método ruim.

Precisamos olhar desconfiados às falsas promessas. Muitas delas também dizem: “aprenda inglês em menos de 1 ano”. Eles se esquecem de dizer que ofertam apenas 2 horas de aulas por semana. Doce ilusão! É preciso viver o idioma de várias maneiras, seja por meio de filmes, músicas, seja por intermédio de um professor, materiais didáticos, CDs, internet, literatura e afins. E isso leva tempo.

Também não se deve desistir de aprender uma língua se agarrando à falsa afirmação de que só aprende quem viaja ao país onde ela é falada. Em muitos casos, acontece o contrário, há pessoas que viveram mais de 10 anos em um país estrangeiro e se comunicam muito menos do que alguns autodidatas apaixonados por seriados, filmes e internet. Quantos professores brasileiros fluentes em inglês nunca foram a um dos países nativos dessa língua?

Não tenha preferência por nenhum método de ensino. Tenha, sem dúvidas, entusiasmo pela aprendizagem do novo idioma e se dedique bastante. Não se trata de uma campanha contra os institutos de idiomas e escolas regulares. Se não são aqueles que oferecem pacotes milagrosos, encare o desafio. Mas saiba, antes de tudo, que se trata de um investimento não somente financeiro, como também de tempo e esforço. Já nas escolas regulares brasileiras, principalmente as públicas, a discussão sobre a aprendizagem de uma língua é bem mais complexa e eu pretendo trazê-la em um outro artigo. No entanto, uma coisa é certa; seja aqui ou no exterior, não há fórmulas mágicas para aprender uma língua, há apenas palavras mágicas que conduzem ao aprendizado: esforço, paciência, persistência, insistência e dedicação.

1. Artigo publicado no Jornal da Cidade de Aracaju-SE, em 21 de junho de 2012. [↑](#footnote-ref-1)